

# Ygor Moretti Fiorante – 0

## Poema e nada mais

Os pés passavam,  
estiveram e permaneciam  
por todo sempre, em sua persistência de  
se afastar das coisas.

O corpo como se apenas restasse o seu torso  
se mostrava besta,  
cego de olhos de pernas, olhos das mãos,  
nem os cabelos algo observava, abraço impossível.

Os olhos viam todas as impossibilidades,  
e as possibilidades ainda não computadas,  
demarcadas ao grupo de devaneios  
encaixotados mais ao fundo.

Os olhos permaneciam  
como se oniscientes.  
Mas negavam qualquer duro reflexo  
impregnados na retina.  
Lembravam-me das duras filosofias,  
o caminhar pragmático das últimas alegrias,  
era preciso burlar os sentidos,  
acreditar na dor, a dor que se desenhava ultra-possível.

Havia ainda um cipreste,  
que os olhos observadores-cansativos,  
faziam suprir qualquer impossibilidade,  
as glândulas e os mecanismos gritavam,  
gritavam também os sistemas cálculos e composições.

Nem uma outra alucinação,  
confusão ou o engano  
eram transpostos sobre estas afirmações,  
que os meus olhos acompanhavam,

mórbidos de uma repetida onisciência.

**Ygor Moretti Fiorante, Um Objeto Quando Esquece**